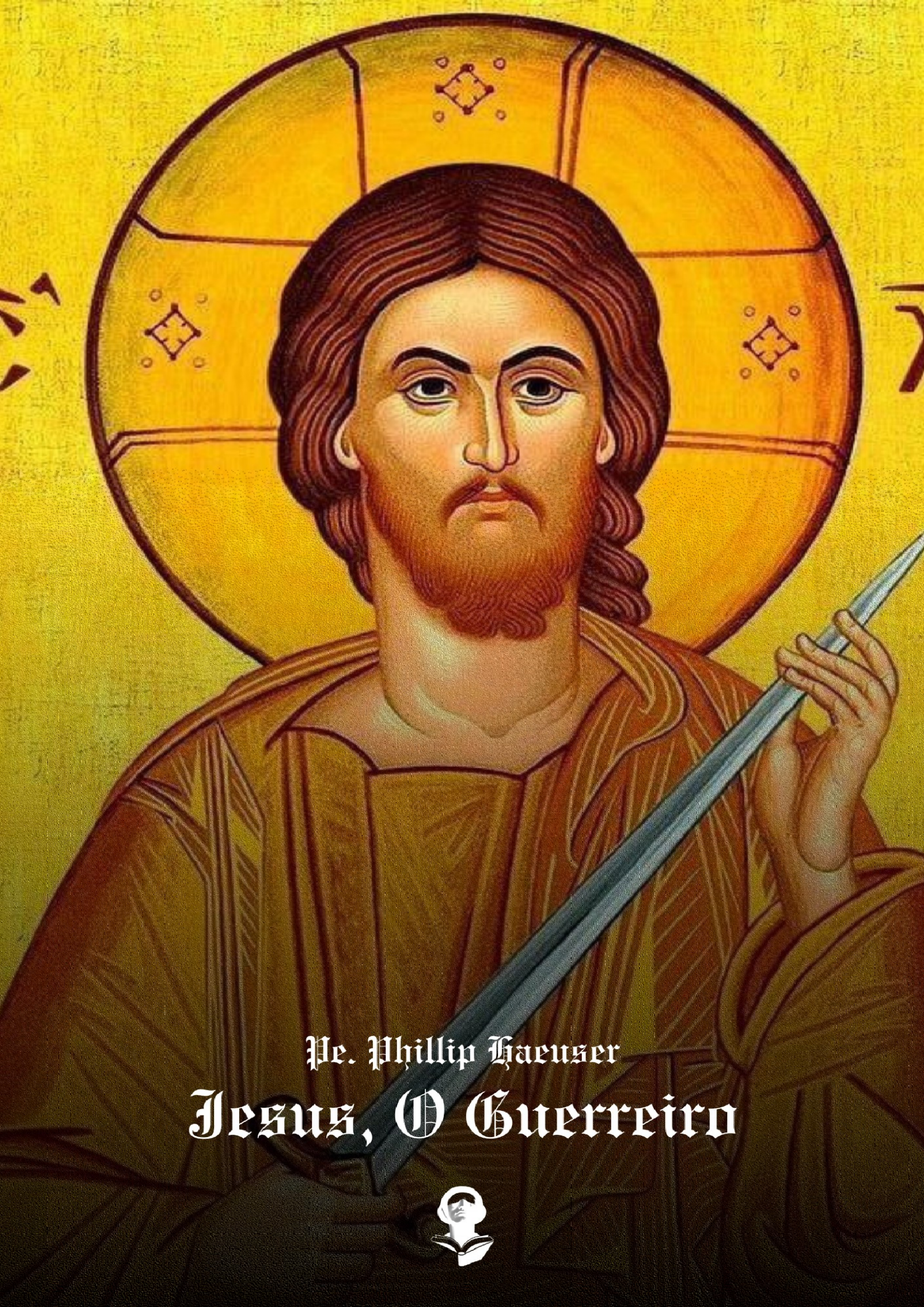

Pe. Phillip Haeuser

Jesus, O Guerreiro

Pe. Phillip Haeuser

Jesus, o Guerreiro

Para Homens Cristãos que Enfrentam Dificuldades

Libro & Moschetto

Fascista Perfetto

Sumário

Prefácio....4
Apresentação....5
Jesus, o Guerreiro....7
Prefácio....30
Mensagem Cristã à Alemanha que Desperta....31
Sobre o Autor....42

Prefácio

O padre Phillip Haeuser acreditava que homens e mulheres cristãos devem levar uma vida de luta para se tornarem os homens e mulheres cristãos que Deus deseja, a fim de alcançar a salvação.

Para o padre Haeuser, Jesus não era um homem fraco e efeminado que tentava fazer com que todos o amassem e não tinha problemas com ninguém. Ao contrário, era um guerreiro, um combatente, que proclamava com coragem a mensagem de Deus e enfrentava, física, moral e intelectualmente, o mosaísmo degradado dos fariseus e rabinos de sua época.

Ele nos ofereceu o exemplo a seguir em nossa vida, enquanto avançamos rumo ao nosso destino eterno, tanto como indivíduos quanto como membros de nossas comunidades étnicas e nacionais. Nosso propósito é lutar, empenhar-nos e vencer, não apenas existir como ovelhas dóceis.

Essa era a fervorosa convicção do padre Haeuser. O repórter do jornal que cobriu o jantar e a comemoração de sua aposentadoria, após 46 anos como pároco em Strassberg, Alemanha, escreveu:

“Na antiga igreja paroquial que amava e na qual confiava, ele frequentemente pregava do púlpito que a vida é uma luta, deve ser uma luta, pois só assim ela nos mostra o caminho para as estrelas.”

O padre escreveu este livro em 1937, sob o pseudônimo de Paul Willebrand, com o título Der Kämpfer Jesus, geralmente traduzido como The Fighter Jesus, uma construção verbal pouco comum em inglês; por isso, alterei-o para The Warrior Jesus.

Ordenado sacerdote em 1899, recebeu o doutorado em Teologia em 1911 e exerceu o ministério como pároco. Combateu a política eclesiástica e escreveu esta obra como advertência contra um cristianismo cada vez mais feminizado e desmasculinizado, tanto católico quanto protestante. Em nossos dias, marcados por um Jesus frouxo, por homens sem masculinidade e por mulheres masculinizadas, vemos como essa advertência foi assustadoramente profética.

Que esta obra ofereça a você, leitor, algo sobre o que refletir ao buscar tornar-se um Guerreiro de Cristo em nossa época.

Prof. Dr. William G. von Peters, O.S.J.
Outubro, Ano do Senhor de 2023

Apresentação

As experiências dilacerantes de 1914–1918 e, sobretudo, as amargas experiências e decepções do período pós-guerra, quando Adolf Hitler chegou ao poder, transformaram nós, alemães, em um povo completamente novo. Uma vida religiosa inteiramente nova surgiu em nosso interior. Novas percepções e forças religiosas nos foram concedidas. Aprendemos a não mais enxergar a luta e o destino como vergonha e maldição, como tende a fazer a visão pessimista da vida no judaísmo, mas a reconhecer e valorizar a luta e o destino como leis naturais desejadas pelo Criador e como sacramentos. Por mais extenuantes que fossem as lutas constantes, por mais opressivos que fossem os golpes sempre renovados do destino que tantas vezes nos atingiam, eles não conseguiram enfraquecer nem destruir nossa força espiritual. Pelo contrário: por termos resistido com coragem, despertaram-nos e fortaleceram-nos espiritualmente, transformaram-nos em pessoas de elevado valor e fizeram de nós verdadeiras personalidades. Tornaram-se sacramentos para nós, enobrecendo-nos e aperfeiçoando-nos, de modo que já não somos escravos ansiosos e temerosos da vida, mas seus senhores; já não nos deixamos amedrontar pelo pecado e pelas maldições, mas contemplamos com olhos puros a revelação de Deus em todas as leis da natureza e da vida. Precisamos da luta e do destino para nos aproximarmos de Deus. Nós mesmos vivenciamos essa verdade por meio de nossa busca destemida e de nossa luta interior. E, na vida de nosso grande líder Hitler, essa verdade foi confirmada de maneira tão maravilhosa.

Se a luta e o destino são os fundamentos e os pré-requisitos não apenas do progresso físico, mas também do progresso mental e espiritual, então é igualmente necessário revelar e confirmar essa verdade na vida de Jesus, para que ele possa ser um líder da humanidade. Como Redentor, Jesus, por meio de seus próprios embates e lutas, ensina-nos que é nisso que reside o poder redentor.

De fato, Jesus possui uma natureza declaradamente combativa. Por meio de sua vida, de suas lutas e de seus sofrimentos, ele confirma a

verdade que vivenciamos em nossa busca e em nossa luta, assim como nas de nosso líder. Ao confirmar nossa experiência e nossa compreensão alemãs, Jesus as transforma em uma experiência cristã. Nosso movimento alemão não é paganismo, mas a vivência da natureza combativa dos grandes homens, entre eles Jesus.

Contudo, para compreender esse fato e reconhecer o valor cristão de nossa experiência alemã, é necessário contemplar Jesus com os olhos do espírito tal como ele realmente viveu e atuou.

A seguir, tentarei retratar Jesus em suas lutas e nos golpes do destino. Naturalmente, os quatro Evangelhos são minha fonte. Mas não nos esqueçamos: os Evangelhos não são fontes no sentido da historiografia moderna, nem pretendem sê-lo. Devem ser tratados de maneira diferente da obra de um historiador moderno. Alguns dos Evangelhos foram, evidentemente, escritos de forma tendenciosa. João, por exemplo, reúne diversos dados da vida de Jesus como um teólogo cuja principal intenção é comprovar a natureza divina de Jesus. Mateus procura reconciliar com Jesus seus compatriotas judeus, que se sentiam rejeitados por ele e o desprezavam, e conquistá-los para ele, associando-o repetidamente a explicações e relatos do Antigo Testamento, além de apresentá-lo, apesar de sua luta implacável contra a Sinagoga judaica, como o cumprimento da Antiga Aliança e um observante da Lei judaica. Como, no Evangelho de João, Jesus nos aparece principalmente como Deus e, no Evangelho de Mateus, sobretudo como o Messias esperado pelos judeus, é compreensível que, em razão dessa representação tendenciosa, o homem Jesus, seu espírito combativo e suas lutas sejam muitas vezes deixados de lado. Esses fatos serão examinados a seguir, a fim de se chegar à compreensão da verdade plena. Nem tudo o que está “escrito” pode ou deve ser utilizado da mesma maneira. Temos o direito e o dever de tratar com cautela os Evangelhos transmitidos pela tradição, ainda que apenas porque os relatos evangélicos não concordam entre si em todos os pontos.

O Autor.

Jesus, o Guerreiro

A primeira luta e as primeiras dificuldades surgiram para Jesus porque ele ousou, sendo um homem simples, humilde e desconhecido, apresentar-se diante do povo para instruí-lo e guiá-lo. O povo judeu e seus líderes políticos, espirituais e eclesiásticos não faziam ideia das forças mentais e espirituais que neles permaneciam adormecidas. Não conseguiam compreender sua grandeza e relutavam em acreditar nela. Tão pobre e desconhecido quanto fora ao jazer na manjedoura, ele ainda o era aos trinta anos, quando deixou a casa paterna em Nazaré para atuar publicamente como profeta.

Como nenhuma autoridade reconhecida pelo povo e por seus líderes o havia designado e incumbido dessa missão, foram sobretudo os mais próximos dele que se escandalizaram com o fato de ele querer ser mais do que um deles. O ciúme e o ressentimento o fitavam com inveja e lhe acarretaram os mais graves conflitos já no início de sua atividade pública. O povo judeu e seus líderes, e até mesmo os habitantes de Nazaré, onde Jesus havia décadas, nada sabiam das histórias maravilhosas que, segundo Mateus e Lucas, teriam ocorrido por ocasião de seu nascimento[1], nem do maravilhoso testemunho dado pelo Pai Celestial e pelo Espírito Santo ao Salvador por ocasião do batismo no Jordão.[2]

Como Jesus se sentia chamado à missão de líder e redentor, considerava seu dever apresentar-se publicamente em Nazaré; queria demonstrar sua gratidão a seus concidadãos. Assim, num sábado, revelou-se na sinagoga de Nazaré como mensageiro de Deus e ungido do Senhor. Em vez de seus vizinhos e concidadãos, que o conheciam havia muitos anos, ouvirem suas palavras com orgulho e reconhecerem com sincera alegria sua elevada vocação, ficaram assustados e incomodados.

E, cheios de desconfiança, perguntavam uns aos outros: “Este não é o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, José, Judas e Simão? Suas

1 O que Mateus relata sobre os Reis Magos do Oriente e a estrela maravilhosa é uma citação das palavras do profeta Isaías LX, 1-6.

2 O êxtase que Jesus viveu no Jordão, após o batismo, provavelmente não foi percebido por ninguém além de João Batista. Nesse êxtase, Jesus, como todos os grandes líderes da vida religiosa e do campo ideológico em geral, recebeu a força necessária para a revolução espiritual.

irmãs também não estão aqui conosco? Todas elas não vivem entre nós? De onde ele tirou esses dons?”[3] Eles não conseguiam nem queriam acreditar que Jesus de Nazaré, seu concidadão simples, pobre e discreto, tivesse sido chamado a uma missão tão elevada.

Consideravam sua atitude falta de modéstia, ousadia e insolência. Sentiam-se diminuídos diante dele e, por isso, se afastavam. Por mais admiráveis que suas palavras soassem[4], na boca dele pareciam pretensiosas. Como antigos conhecidos e amigos de infância, acreditavam que precisavam negar-lhe a autoridade que ele reivindicava. Antes, conviviam com ele em amizade e paz; agora, teriam de lhe demonstrar amor e confiança. Surgiu então um conflito. Naturalmente, até mesmo do ponto de vista de seus concidadãos, Jesus era o responsável pelas tensões que começavam a surgir. Devem ter dito a ele: “Jesus, continue sendo carpinteiro em sua oficina e deixe que os grandes senhores ensinem e conduzam no templo! Deus abençoa os humildes, não os arrogantes.”

Mas Jesus não cedeu a eles nem se rebaixou diante deles. Aceitou o conflito, quis a luta. Por amor ao povo empobrecido e enganado, por ódio aos falsos e cegos líderes do povo, lutou para assumir a liderança apesar de todas as dificuldades e enfrentamentos, e aceitou ser odiado e repreendido por aqueles que até então lhe eram tão próximos e queridos. Amargurado com a desconfiança dos habitantes de Nazaré em relação a ele, Jesus lhes disse: “Um profeta só não é honrado em sua própria terra, em sua própria casa e entre seus parentes.”[5] Com isso, o Senhor deixou claro que não pensava em ceder, que via na luta seu destino e a lei de sua vida.

A luta com antigos amigos e os atritos com parentes fazem parte da condição de profeta e líder. Pelas palavras de Jesus, conclui-se que seus parentes também se voltaram contra ele. Como Jesus não abriu mão de sua boa vontade para com os habitantes de Nazaré, a tensão chegou ao extremo: seus concidadãos “o expulsaram da cidade e o levaram até o alto do monte sobre o qual a cidade havia sido construída, para lançá-lo dali abaixo”.[6]

---

3 Cf. S. Mateus XIII, 84 e ss.
4 S. Lucas IV, 22.
5 S. Marcos VIII, 4.
6 S. Lucas IV, 29.

Mas Jesus não se deixou intimidar por essa situação crítica. Seguiu de cabeça erguida e com coragem seu belo, porém árduo e pedregoso caminho, disposto a lutar bravamente, apesar de todos os conselhos carinhosos que seus familiares mais próximos lhe deram depois daquele risco de morte. Como pessoas dotadas de sentimentos e pensamentos humanos, devem ter implorado a ele: “Tenha a bondade de pensar em nós! Seu caminho traz desonra e sofrimento tanto para você quanto para nós. Você também pode servir ao Senhor, seu Deus, de maneira discreta e humilde.” Não dar ouvidos a conselhos e advertências tão bem-intencionados e continuar trilhando seu próprio caminho áspero e cheio de espinhos exigiu que o homem Jesus lutasse não apenas contra aqueles que lhe eram queridos, mas também contra si mesmo.

Quem, em nossos tempos tempestuosos, assumiu tarefas árduas e os deveres mais difíceis em nome dos grandes objetivos alemães compreende essas lutas de Jesus; conhece, por experiência própria, essas tensões, crises e contradições. Sabe o que significa não poder levar em consideração nem a si mesmo nem aqueles que o cercam. Sente e compreende a luta de Jesus. Vive como seu líder Hitler, como seu líder Jesus — e não pode agir de outra forma.

O evangelista João escreve sobre Jesus: “Nem mesmo seus irmãos confiavam nele.”[7]

Mas eles consideravam impossível e inconcebível que ele se revelasse ao mundo. Não compreendiam o objetivo de Jesus em sua luta e, por isso, o combatiam e zombavam dele. Movidos pela desconfiança, seus irmãos e parentes lhe disseram em tom de deboche: “Vá para a Judeia, para que seus discípulos também[8] vejam as obras que você realiza! Revele-se ao mundo!”[9]

Apesar de todas as tentativas de seus parentes de impedi-lo, Jesus não se deixou afastar de seu caminho. E seus familiares não pouparam esforços para convencê-lo a desistir de seus elevados objetivos. Como Jesus não cedeu, recorreram ao último recurso e o declararam desequilibrado e

7 Ao contrário desses discípulos, os “irmãos” mencionados não são seguidores de Jesus, mas sim seus parentes.
8 S. João VII, 3 e s.
9 S. Marcos III, 21.

louco, para que pudessem prendê-lo. Afinal, o falso amor pelos parentes não hesita em recorrer a esses meios, pois acredita que assim pode preservar, aos olhos do público, a honra e a tradição da família diante de um de seus membros considerado incapaz. Seus parentes se envergonhavam dele, sentiam ódio e se enfureciam. Mas Jesus preferiu enfrentar corajosamente toda essa amargura e todas essas decepções a renunciar a seus grandes planos.

Foi sua luta que o obrigou a esquecer a mãe e os irmãos e a reconhecer como parentes apenas aqueles que estavam ao seu lado. Certa vez, quando lhe disseram que sua mãe e seus irmãos estavam ali perto, esperando por ele, não os recebeu com alegria, mas declarou em tom combativo: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? [...] Pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.”[10] Palavras nada pacifistas.

As palavras que Jesus dirigiu a seus apóstolos ao enviá-los e com as quais procurou incutir neles sua mensagem só podem ser compreendidas a partir de sua postura combativa: “Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas a espada. Pois vim colocar o filho contra o pai, a filha contra a mãe e a nora contra a sogra. Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim. Quem não toma sua cruz e me segue não é digno de mim.”[11]

Jesus exige que o sigamos no campo de batalha, ainda que isso nos leve a entrar em conflito com aqueles que, até então, foram tudo para nós na vida. Quando Pedro disse certa vez ao Senhor: “Veja, deixamos tudo e o seguimos. Qual será nossa recompensa?”, ele voltou a enfatizar que quem deixasse sua casa — irmãos, irmãs, pai ou mãe — deveria “ter sua parte nisso”.[12] Tal ensinamento só pode ser compreendido quando reconhecemos Jesus como guerreiro. Foi Jesus, o guerreiro, quem pronunciou essas palavras, e não um Jesus asceta, alheio ao mundo e que dele fugia, que jamais existiu, mas foi inventado apenas mais tarde, sob a influência do

10 S. Mateus XII, 4 e ss.
11 S. Mateus X, 34–38.
12 S. Mateus XVI, 27–28.

mundo judaico e pagão! O desprezo pelo mundo penetrou nos círculos eclesiásticos.

Ao contrário, aquilo que a Igreja, com base nessas e em outras palavras semelhantes de Jesus, chama de conselhos evangélicos destinados a pessoas que desejam fugir do mundo são, na verdade, deveres de luta e virtudes próprias de um guerreiro.

A vida de Jesus foi uma luta árdua desde o início de sua atividade pública. Apesar dos mais graves conflitos com sua cidade natal, seus parentes e os de sua própria casa, Jesus não quis evitar a luta. Como guerreiro, foi duro consigo mesmo e com os outros. Para ele, não havia concessões, indulgência nem trégua. Como ser humano, isso pode ter sido difícil, mas ele não podia agir de outra forma.

Quem está no campo de batalha também precisa ser duro com seus companheiros e camaradas de luta, impondo-lhes as tarefas mais difíceis. Por isso, Jesus também foi severo com seu amigo e precursor João, de quem exigiu uma renúncia difícil.

Em tempos de paz, os senhores de alta posição cercam-se de amigos e companheiros, concedendo-lhes cargos e honrarias. Jesus, para quem não havia tempo de paz, agiu de outra maneira. Não escolheu João Batista para integrar o grupo de seus apóstolos. João não pôde presenciar suas admiráveis pregações nem suas curas maravilhosas. Enquanto o Senhor percorria o país estabelecendo seu reino, deixou João onde estava, entregue a um cativeiro cruel. João foi lançado numa prisão às margens do Mar Morto, onde amargou os últimos dias de sua vida. Para o prisioneiro, era infinitamente difícil definhar acorrentado naquele calabouço escuro e ter de pensar consigo mesmo: aquele para quem preparei o caminho agora percorre o país como redentor e oferece ao povo o tão esperado reino de paz.

Abatido pelo sofrimento de seu cativeiro, talvez ele tenha se perguntado muitas vezes, cheio de dúvidas: “Será que o Senhor se esqueceu de mim, ou será que eu me enganei a respeito dele?” Então, em sua angústia, enviou dois mensageiros a Jesus e perguntou: “É você aquele

que há de vir ou devemos esperar outro?”[13] Será que Jesus consolou seu amigo João com estas palavras: “Tenha coragem, pois logo você estará livre. Eu trago paz e justiça. Por isso, em breve suas correntes serão rompidas, e você encontrará respeito e honra em meu reino”?

Seja qual for a mensagem que o Senhor lhe enviou, nela não encontramos as palavras agradáveis e reconfortantes de um pacifista complacente. Como um guerreiro duro, Jesus mandou transmitir ao Batista estas palavras terrivelmente difíceis: “Bem-aventurado aquele que não se escandaliza por minha causa”, ou seja: “Não se escandalize por minha causa!”[14] Jesus queria dizer: “Sei que você se escandaliza comigo, assim como tantos outros, mas não posso mudar isso, porque nossa vida é luta e deve ser luta.” Jesus está em um campo de batalha áspero; por isso, suas palavras são duras, e duro é o caminho de seus amigos. Podemos supor que, por menos consoladora que fosse a resposta de Jesus, as palavras do amigo consolaram João, permitindo que ele voltasse a suportar em paz sua prisão.

“Bem-aventurado aquele que não se escandaliza por minha causa!” Ainda hoje, quem luta não pode dar outra resposta aos seus que são incapazes de compreender o dever de lutar. Para aqueles que duvidam do combatente, de sua vocação e de seu dever, e muitas vezes chegam a se desesperar, não há outra forma de tranquilizá-los senão com essas palavras do Senhor. Nosso líder Adolf Hitler as repetiu muitas vezes em voz alta a seus seguidores — embora de outra forma.

Nem mesmo o apóstolo Pedro foi tratado pelo Senhor daquela maneira nobre e amável que caracteriza os príncipes da paz. Quando Jesus falou abertamente a seus apóstolos sobre a luta que o aguardava, isto é, sobre seu sofrimento e sua cruz, Pedro, ainda temeroso diante da luta, achou que precisava dizer: “Deus não permita, Senhor! Isso jamais acontecerá com você.”[15] Irritado com a fraqueza de seu apóstolo, Jesus o repreendeu duramente: “Afaste-se de mim, Satanás! Você é um obstáculo para mim.”[16]

---

13 S. Mateus XI, 3.
14 S. Mateus XI, 6.
15 S. Mateus XVI, 22.
16 S. Mateus XVI, 23.

Sem dúvida, o Senhor às vezes podia ser afetuoso e compassivo. Muitas vezes, também era indulgente e bondoso. Mas não se permitiu demonstrar nenhuma consideração ou cuidado diante da observação de Pedro. Como se tratava de prepará-lo para o dever de lutar, esforçou-se para ser duro e severo; e, quanto mais duro e severo se mostrava, menos Pedro queria compreender e reconhecer esse dever. Nas palavras repulsivas “Afaste-se de mim, Satanás!”, ressoa o tom áspero do guerreiro. Quem não quer lutar nem aceitar o dever de lutar não pode esperar de Jesus outra resposta.

O mundo cristão de épocas posteriores, sobretudo o mundo cristão moderno, mal consegue suportar essas palavras do Senhor. Gostaria de ignorá-las e apagá-las do texto do Evangelho, porque não tem serventia para Jesus, o guerreiro, e porque deseja um Jesus Cordeiro[17] como modelo para animais de rebanho cristãos, fracos, impotentes e hostis à natureza. As duras palavras de Jesus só podem ser compreendidas por aqueles que sabem que, para ele, a luta era uma missão sagrada. Ainda hoje, quem quisesse ser ao mesmo tempo cristão e pacifista seria insultado por Jesus e chamado de Satanás.

Jesus, o combatente, trata com um pouco mais de brandura os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João. Assim como Pedro, eles aspiravam a prestígio e posições de destaque. Mas o Senhor rejeita esse desejo com a pergunta: “Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem beber do cálice que eu bebo ou ser batizados com o batismo com que sou batizado?”[18] Jesus quer dizer: “Ao meu lado e em meu reino, somente aqueles que conseguem beber até a última gota o cálice dos destinos mais amargos e mergulhar profundamente em batalhas sangrentas possuem dignidade e valor.”

Para repreender Tiago e João, ele ressalta expressamente que não veio para receber honrarias exteriores, mas para dar a própria vida como resgate por muitos.[19] A quem cabe, acima de tudo, dar a vida para libertar um povo

17 Jesus só se tornou um cordeiro quando, após três anos de amarga luta contra o farisaísmo e a Sinagoga judaica, sucumbiu diante de seus inimigos e foi condenado à morte.
18 S. Marcos X, 38.
19 S. Marcos X, 45.

de seus inimigos? Ao combatente, ao guerreiro. E era isso que Jesus era e estava decidido a ser.

Jesus pareceu um homem duro a muitos de seus discípulos quando, na sinagoga de Cafarnaum, apresentou-se como o pão da vida, isto é, como uma personalidade capaz de dar vida e renovar o mundo. Então, como relata João, "muitos de seus discípulos se afastaram e já não andavam com ele"[20] e declararam: "Essa palavra é dura. Quem pode ouvi-la?"[21] O pacifista busca conquistas fáceis e agradáveis. O guerreiro não se importa nem mesmo com as perdas mais pesadas; avança impetuosamente em direção ao seu objetivo, sem perguntar quantos estão caindo ao seu redor.

Ao longo de toda a sua atividade pública, Jesus viu sua missão como uma luta. Como combatente, foi duro e implacável consigo mesmo, com sua família e seus parentes e com os próprios companheiros. Mas a batalha que havia escolhido como missão de vida tinha como alvo a sinagoga judaica, isto é, tanto os costumes religiosos judaicos quanto os líderes do poder estabelecido judaico.

O judaísmo ortodoxo e rigorosamente observante exigia a abstenção completa de qualquer atividade no sábado.[22] Mas Jesus demonstrava uma preferência especial por curar os enfermos justamente nesse dia. Sabia que estava provocando escândalo nos círculos judaicos. E queria provocá-lo para combater a interpretação que esses círculos faziam da Lei. Jesus queria desafiá-los para a luta.

Caso tivesse demonstrado alguma consideração pelos sentimentos religiosos de seu povo, teria realizado as curas milagrosas em qualquer outro dia da semana. Caso tivesse se adaptado de maneira afável e benevolente aos costumes judaicos de seus compatriotas, poderia ter apresentado suas grandes ideias e seus ensinamentos sobre o Pai Celestial e a condição de filhos de Deus com sucesso ainda maior nos círculos judaicos. Mas ele não avaliava de maneira calculista e cautelosa essas possíveis vantagens missionárias, pois o que lhe importava era a luta contra a religião judaica.

---

20 S. João VI, 67.
21 S. João VI, 61.
22 Ver S. Marcos III, 4 e ss.; S. Lucas XIII, 10 e ss.; XIV, 1 e ss.; S. João V, 16; IX, 14.

Jesus não queria construir pacificamente um novo reino com base na tradição judaica, nem conceder à religião judaica, por uma consideração afetuosa, a honra de ser a preparação e o caminho para o verdadeiro reino de Israel. Sua intenção era destruir o antigo para criar, a partir das ruínas, algo inteiramente novo. Certa vez, ele próprio expressou essa intenção de maneira inequívoca ao declarar: “Ninguém remenda uma roupa velha com um pedaço de tecido novo... E ninguém põe vinho novo em odres velhos... O vinho novo deve ser colocado em odres novos... Quem bebe vinho velho não deseja imediatamente o novo, pois diz a si mesmo: ‘O velho é melhor.’”[23]

O Salvador dirigiu essas palavras especificamente àqueles que se escandalizavam com seu desprezo pelos costumes religiosos judaicos. Os ensinamentos espirituais de Jesus são o vinho novo; os ensinamentos jurídicos e cerimoniais do povo judeu, ou da Antiga Aliança, são o vinho velho. A religiosidade judaica não pode tolerar o espírito da grande personalidade de Jesus, assim como um odre velho não pode conter vinho novo. Do mesmo modo que o vinho novo e impetuoso rompe um odre velho, o espírito de Jesus rompe a religião judaica. Se o Senhor já havia se colocado em clara oposição à Igreja judaica por meio de suas numerosas curas realizadas no sábado, fez isso ainda mais ao justificar expressamente sua conduta, recorrendo às imagens dos odres velhos e do vinho novo, bem como da roupa velha e dos remendos novos.

Enquanto outros procuram amenizar suas ações duras com palavras conciliadoras, Jesus, o combatente, faz o contrário. Assim como o próprio Senhor não estava disposto a ceder, também não esperava concessões dos seguidores da religião judaica. Por isso, disse: “Quem bebe vinho velho não deseja o novo”, isto é, quem vive segundo o espírito da lei mosaica e da religião judaica não deseja a religião cristã. Assim fala alguém que, como combatente, afirma a oposição, e não alguém que pensa em conciliação ou em construir pontes. Assim se expressa alguém preocupado com a vida religiosa, e não alguém que trabalha na organização de uma Igreja.

---

23 S. Lucas V, 36 e ss.

Se Jesus desprezasse a luta e, em espírito pacifista, procurasse conquistar o judaísmo estendendo pontes douradas, teria proibido seus discípulos de colher espigas no sábado[24] para evitar escândalos e, acima de tudo, teria respeitado o costume de lavar as mãos antes das refeições[25]. Ele sabia que sua conduta e a de seus apóstolos causariam escândalo, mas era exatamente isso que queria.

Se Jesus pretendesse elevar os judeus religiosos a um nível intelectual e espiritual mais alto como um educador pacífico, teria de evitar parecer um pecador. No entanto, convivia e fazia suas refeições com pecadores de tal maneira que os guardiões da Lei se escandalizavam[26], e chegou a ser chamado de glutão e beberrão, amigo de pecadores e cobradores de impostos[27]. Essas acusações eram falsas, mas, ao agir como combatente, ele os levava a fazer acusações desse tipo.

Ao perdoar pecados[28], ele se colocou em oposição frontal à Sinagoga judaica. Como reivindicava para si o poder de perdoar pecados, era visto como blasfemo, inimigo e destruidor das mais importantes instituições religiosas, isto é, o sacerdócio e os sacrifícios. Se o próprio Jesus podia perdoar pecados, então o sacerdote e o sacrifício judaicos seriam desnecessários, e o negócio religioso judaico iria à ruína. Podemos compreender, em nossa vida eclesiástica moderna, a terrível luta que o Senhor ousou travar ao dizer “Seus pecados estão perdoados”, observando a amargura com que ainda hoje são perseguidos e difamados aqueles que procuram reduzir um pouco a grande importância do Sacramento da Penitência, atribuindo à luta honesta, ao combate e à grandiosa experiência da natureza uma força educativa, purificadora e moralmente elevadora. O pecado é uma base valiosa e preciosa para os negócios da Igreja. Ai daqueles que encontram caminhos de resistência moral fora da Igreja! Jesus, o combatente, também teve de suportar os terríveis lamentos dos negociantes eclesiásticos que se sentiram prejudicados.

---

24 Cf. S. Marcos II, 23 e ss.
25 S. Lucas XI, 38.
26 Cf. S. Marcos II, 23 e ss.
27 S. Lucas XI, 38.jj
28 S. Marcos II, 5–12.

Jesus, o combatente e reformador, ensinou a fé como uma força religiosa. Com a fé, introduziu um elemento inteiramente novo na vida religiosa dos judeus. Para a religião judaica, a Lei e o sacerdócio constituíam a mais alta autoridade religiosa. Agora, porém, o ensinamento de Jesus sobre a fé e o poder da fé representava uma ameaça gravíssima. Jesus sabia que seu ensinamento representava um perigo, mas queria ser perigoso. E, justamente por querer representar um perigo, declarava repetidas vezes: “Sua fé o curou!”, “Não tenha medo, apenas creia!” ou “Sua fé te curou; vá em paz!”[29] Palavras como essas despertavam amargura e incitavam os ânimos. Aqueles que haviam sido maravilhosamente curados talvez se alegrassem com isso. Mas será que a dúvida então despertada quanto ao poder da religião judaica não se apoderava dolorosamente de sua alma de tempos em tempos?

A princípio, Jesus feria todos aqueles que tentavam compreendê-lo seriamente. E tinha de ser assim. Caso contrário, ele não teria sido aquela personalidade grandiosa, capaz de abalar o mundo. A postura combativa de Jesus às vezes provocava dúvidas e medo até mesmo em seus próprios discípulos. O relato de Marcos mostra que, quando o Senhor subiu a Jerusalém, o centro do poder religioso, alguns dos que o seguiam ficaram com medo. A caminhada até Jerusalém os fazia recordar dolorosamente a tradição religiosa que Jesus e eles haviam abandonado.

Um homem que professava fé em Jesus pediu-lhe uma breve licença para enterrar o pai. O Senhor recusou o pedido com estas palavras: “Deixe que os mortos enterrem seus mortos; você, porém, vá e anuncie o reino de Deus!”[30] Essa estranha declaração de Jesus também nasce do mesmo espírito que acabamos de conhecer. O Salvador quer dizer: quem deseja vivenciar e proclamar minha vida religiosa não deve se deixar impedir por costumes religiosos, por mais valiosos que possam parecer. E, quando disse em voz alta a outro homem que também lhe pedia licença: “Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o reino de Deus”[31],

29 Cf. S. Mateus IX,22.
30 S. Lucas IX, 60.
31 S. Lucas IX, 62.

repetiu o mesmo pensamento: o antigo sistema religioso chegou ao fim; uma nova era do Espírito começou.

Em sua luta contra o eclesiasticismo judaico, Jesus não deixou de criticar especialmente os líderes religiosos. Atacou tanto os sacerdotes judeus quanto os mestres religiosos judeus, os escribas. Chamou os principais sacerdotes e os escribas de seus assassinos e traidores.[32] Profetizou que eles o matariam e o entregariam aos gentios, embora devessem ser os bons pastores do povo judeu. Mas Jesus negou que compreendessem sua missão pastoral. Chamou a si mesmo, com plena convicção, de bom pastor e descreveu os sacerdotes e os escribas judeus como ladrões e salteadores que vêm para roubar, matar e destruir, e como mercenários que não se importam com as ovelhas e fogem assim que o lobo aparece.[33]

Não se pode travar batalha mais feroz do que aquela travada por Jesus, o fundador da religião. Para compreender plenamente o que Jesus ousou fazer em suas lutas contra os líderes religiosos judeus, devemos ter em mente o enorme escândalo que seria provocado em todo o mundo católico se alguém, em Roma, no Vaticano, investisse contra os pastores da Igreja de maneira semelhante à de Jesus. É necessário fazer essa comparação.

Como os atuais fiéis em Cristo, em sua maioria, recebem uma formação baseada em um dogmatismo unilateral, mas são pouco preparados para a vida, muitas vezes nem sequer compreendem a força presente na personalidade de Jesus e em suas lutas. Somente uma comparação como a que acaba de ser proposta pode nos fazer compreender a dimensão extraordinária de tudo isso.

Para mostrar como os líderes religiosos judeus eram incapazes de compreender seus deveres pastorais e quão pouco entendiam dos deveres do amor e da misericórdia, apesar dos elevados cargos que ocupavam, Jesus contou a chamada parábola do “Bom Samaritano”.

---

32 S. Marcos VIII, 31; X, 33. Assim como Judas entregou ou traiu o Senhor ao sumo sacerdote, o sumo sacerdote o entregou aos gentios.

33 S. João X, 1 e ss.

Nesta parábola[34], ele disse: Um homem descia de Jerusalém para Jericó. Foi espancado por ladrões, roubado e deixado quase morto. Depois de algum tempo, um sacerdote passou pelo mesmo caminho, viu o homem gravemente ferido, caído e sofrendo muito, mas seguiu adiante com frieza, orgulho e sem nenhuma compaixão. Mais tarde, também passou por ali um seguidor da mesma religião, mas ele, assim como o sacerdote, passou pelo homem que sofria com indiferença e arrogância. Por fim, um samaritano encontrou o homem quase morto. Ele pertencia a um povo que, havia séculos, mantinha graves conflitos políticos com os judeus e, ao mesmo tempo, era odiado e ridicularizado por eles como herege e amaldiçoado por Deus. Esse samaritano teve compaixão, lavou as feridas, derramou óleo sobre elas e fez curativos. Depois, colocou o ferido sobre seu animal de carga e o levou a uma hospedaria, onde custeou sua alimentação.

Essa parábola é a mais amarga zombaria dos líderes religiosos judeus e o mais glorioso elogio daqueles que os judeus desprezavam como os maiores hereges. O que ela ensina e o que Jesus realmente quer dizer seria expresso da melhor e mais correta maneira com estas palavras: Parábola do sacerdote impiedoso ou do herege misericordioso. Por que os círculos eclesiásticos cristãos não ousam reproduzir com exatidão o pensamento de Jesus dessa forma? Será que o espírito combativo de Jesus lhes causa algum desconforto? Prefeririam um Jesus pacífico, um organizador pragmático?

Com sua coragem para lutar, Jesus arriscou muito em seus discursos. É compreensível que, diante de ataques como esses, os líderes religiosos judeus tenham dito a si mesmos: ou nossas igrejas deixam de existir, ou Jesus precisa desaparecer.

Embora Mateus se esforce tanto em seu Evangelho para construir uma ponte entre o judaísmo e Jesus, a fim de conquistar os judeus para Jesus, ele nos transmitiu, em uma extensa passagem, uma coletânea das mais duras declarações de Jesus contra os mestres da Lei, ou escribas[35]. Ali, diante do povo, Jesus denuncia esses mestres e pregadores judeus como hipócritas e lança repetidas vezes terríveis ameaças contra eles. Chama-os

34 S. Lucas X, 30 e ss.
35 S. Mateus XXIII.

de guias cegos, filhos dos assassinos dos profetas, serpentes e raça de víboras, e lhes promete o inferno. Acusa-os de colocar sobre os ombros dos outros fardos pesados e insuportáveis que eles próprios não querem tocar nem com um dedo, e de realizar suas obras apenas para serem vistos pelas pessoas.

Jesus os acusa: “Vocês fecham o reino dos céus diante das pessoas. Vocês mesmos não entram e não permitem que entrem aqueles que desejam fazê-lo. Enquanto fazem longas orações, devoram as casas das viúvas. Quando conseguem converter alguém em suas campanhas de proselitismo, fazem dele um filho do inferno. Vocês são como sepulcros caiados, que parecem belos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e imundície.” Muitos cristãos devotos de hoje já não seriam capazes de suportar palavras tão duras de Jesus e as proibiriam por considerá-las impróprias e anticristãs, sobretudo porque são dirigidas contra o “povo escolhido de Deus”.

Não surpreende que aquele que atacava dessa maneira as autoridades eclesiásticas tenha sido acusado de enganar o povo[36] e declarado um herege consumado, sob a acusação de ser samaritano e estar possuído por um espírito maligno[37]. As repetidas tentativas de fazer mal a Jesus[38] e de apedrejá-lo[39] foram a consequência inevitável de sua postura combativa.

Assim como atacou os líderes religiosos do povo desencaminhado, Jesus também se voltou contra o próprio povo. Chamou-o de “raça criminosa e pecadora”, de “raça perversa”. Irritou-se especialmente com a cidade de Jerusalém, a Roma da religião judaica. Acusou-a de assassinar os profetas e apedrejar os mensageiros de Deus, ressaltando que nenhum profeta morreria fora de Jerusalém.[40] Culpou seus habitantes por transformarem o templo em um covil de ladrões e expulsou de lá os compradores e vendedores como se fossem assaltantes, de modo que os responsáveis pelo templo, horrorizados com esse ato sem precedentes, perguntaram quem lhe havia dado o direito de fazer aquilo.[41]

36 S. João VII, 12.
37 S. João VIII, 46. Cf. S. Marcos III, 22–30; S. João VII, 20; X, 20.
38 S. Lucas VI, 11.
39 S. João VIII, 59; X, 31; XI, 8.
40 S. Lucas XIII, 33.
41 S. João II, 14 e ss.

Assim como havia feito com os escribas, também chamou de hipócrita o próprio povo enganado e afirmou que ele era capaz de compreender tudo, menos os grandes acontecimentos do presente.[42] Declarou aos judeus: “O pai de vocês é o diabo”[43] e “Nenhum de vocês cumpre a lei (de Moisés)”.[44] Não são palavras de um demagogo, nem de alguém que teme o povo ou procura adulá-lo, mas de quem não recua nem mesmo diante da mais dolorosa intervenção no corpo da nação.

Aos judeus que se orgulhavam de poder chamar Abraão de pai, ele disse sem rodeios que estavam enganando a si mesmos, pois o pai deles era o diabo. E aos judeus que se vangloriavam da lei de Moisés e declaravam essa Lei seu santuário, seu tabu, ele censurou por não a cumprirem. De fato, ninguém poderia ofender e exasperar mais esses filhos de Abraão, tão apegados à Lei, do que Jesus — e, mais tarde, Paulo.

A Lei de Moisés e a condição de filhos de Abraão despertaram no povo judeu autoconfiança, além de uma presunção e arrogância muito peculiares em relação a tudo o que não era judeu. Jesus desferiu um golpe fatal nessa autoconfiança ao colocar samaritanos e gentios acima dos judeus. Certa vez, depois que o Senhor curou dez leprosos, nove deles, que eram judeus, foram embora sem agradecer, e apenas um, samaritano, deu glória a Deus pela cura. Então Jesus ressaltou enfaticamente esse fato vergonhoso: “Não foram dez os que ficaram limpos? Onde estão os nove? Além deste homem, um não judeu, ninguém voltou para dar glória a Deus?”[45]

Como o centurião pagão de Cafarnaum pediu ajuda ao Salvador com confiança e fé, Jesus o apresentou aos judeus como exemplo, dizendo em tom de censura: “Em verdade lhes digo: não encontrei em Israel ninguém com tamanha fé. Eu lhes asseguro que muitos (pagãos) virão do Oriente e do Ocidente e... se sentarão à mesa no reino dos céus, enquanto os filhos do reino (judaico) serão lançados nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes.”[46]

---

42 S. Lucas XII, 56.
43 S. João VIII, 44.
44 S. João VII, 19 e ss.
45 S. Lucas XVII, 12 e ss.
46 S. Mateus VIII, 10 e ss.

Nada mudará esse julgamento, que favorece os gentios e desfavorece os judeus, como Jesus explica em outra passagem. Mesmo que os judeus batessem à porta do reino dos céus e pedissem: “Senhor, abra para nós!”, ele não abriria, mas responderia: “Não sei de onde vocês vêm.” E, se eles protestassem em tom de súplica: “Comemos e bebemos com você, e você ensinou em nossas ruas”, ele responderia: “Não vos conheço; apartai-vos de mim, praticantes da iniquidade... Os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos.”[47]

Os judeus se consideravam especialmente escolhidos por Deus e, portanto, os primeiros entre os povos da terra. Em sua presunção, desprezavam os gentios como inferiores. Mas o julgamento de Jesus diz o contrário: “Eu lhes digo: nenhum daqueles que foram convidados provará da minha ceia.”[48] O Salvador quer dizer: “Vocês, judeus, foram convidados, mas não querem vir de modo algum, enquanto os pagãos desprezados, que nem sequer haviam sido convidados, correm alegremente para entrar.”

Segundo o evangelista Mateus, na parábola Jesus expulsou aquele que havia sido convidado, isto é, também os judeus, por terem agarrado, insultado e matado os mensageiros do anfitrião. Quando o mesmo evangelista faz o Senhor dizer, ao final: “Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”[49], ele atenua um pouco o julgamento de Jesus sobre os judeus mencionado por Lucas. Segundo Lucas, nenhum judeu comparece à ceia; segundo Mateus, apenas alguns dentre a multidão de judeus.

Segundo a conhecida história do Filho Pródigo[50], o filho mais novo, que havia deixado o pai, mas voltou arrependido para a casa paterna, recebe mais honras do que o filho mais velho, que havia permanecido em casa. Quando este se irritou com o pai por causa disso, ele respondeu: “Eu precisava oferecer uma festa, porque seu irmão estava morto e voltou à vida; estava perdido e agora foi encontrado.” O filho mais novo representa o paganismo; o mais velho, o judaísmo. Com isso, Jesus transmite o

47 S. Lucas XIII, 25 e ss.
48 S. Lucas XIV, 16 e ss.
49 S. Mateus VIII, 14.
50 S. Lucas XV, 11.

amargo ensinamento de que Deus concede mais misericórdia aos gentios. Que grave humilhação e insulto para esse povo judeu tão seguro de si! Um ataque doloroso, mas necessário!

O judeu considerava a si mesmo justo e declarava o gentio pecador. Foi justamente a respeito dessa visão que Jesus pregou aos judeus: “Há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por 99 justos que não precisam de arrependimento.”[51] O pecador, isto é, o gentio, é colocado acima do justo, isto é, do judeu. O céu se alegra mais com o gentio do que com o judeu ou, como na história do Filho Pródigo, prepara-se uma festa para um, mas não para o outro. Jesus elogia os gentios por sua disposição para a transformação interior ou a mudança de mentalidade, ao passo que caracteriza os judeus como um povo obstinado e presunçoso que, apesar de seus muitos exercícios penitenciais, jejuns, abluções e orações, não se deixa levar à transformação interior, ao arrependimento.[52] Como os judeus devem ter ficado indignados ao ver que Jesus, que afirmava ser o Salvador, colocava os gentios dessa maneira acima deles, o povo escolhido! Certamente, devem ter acreditado de bom grado em suas palavras combativas: “Vim lançar fogo sobre a terra, e que mais desejo senão vê-lo arder!”[53]

Jesus também dá preferência aos gentios em relação aos judeus na seguinte parábola: “Um homem tinha dois filhos. Foi até o primeiro e disse: ‘Filho, vá trabalhar hoje em minha vinha.’ Ele respondeu: ‘Não quero.’ Depois, porém, arrependeu-se e foi. Então o homem foi até o outro filho e lhe disse a mesma coisa. Ele respondeu: ‘Sim, senhor, eu vou.’ Mas não foi.”[54]

Ao concluir a parábola dos vinhateiros infiéis, o Senhor anuncia aberta e claramente ao povo escolhido o destino que o aguardava e sua

---

51 S. Lucas XV, 7.

52 Via de regra, um espírito eclesiástico que vive de exercícios penitenciais traduz as palavras de Jesus mencionadas acima da seguinte forma: “Há mais alegria no céu por um pecador que faz penitência do que por 99 justos que não necessitam de penitência”. Essa tradução está errada. O verdadeiro justo não é inferior ao pecador penitente. Caso contrário, Deus, o justo, também teria de se colocar abaixo dele. Não se trata de obras penitenciais, mas de conversão interior, algo que o “justo” confuso, que, ao contrário do pagão ou pecador, julgava-se perfeito e se apegava às obras exteriores, não compreendia.

53 S. Lucas XII, 49.

54 S. Mateus XXI, 28 e ss.

substituição pelos gentios, com estas palavras: “O reino de Deus será tirado de vocês e entregue a um povo que produza seus frutos.”[55]

Segundo a concepção judaica, a religião judaica e o Estado judeu constituíam a verdadeira religião desejada por Deus. Quem atacasse essa religião e esse Estado estaria destruindo a própria religião. Mas foi exatamente isso que Jesus fez ao declarar nulo e sem valor esse Estado religioso, ou essa religião de Estado, com as palavras: “O reino de Deus não vem de forma exterior. Não é preciso dizer: ‘Está aqui’ ou ‘Está ali’. Pois vejam: o reino de Deus está dentro de vocês.”[56]

A organização era tudo para o judeu em matéria religiosa; para Jesus, enquanto viveu na terra, não significava nada. Jesus não era um organizador ou, pelo menos, era um péssimo organizador. Durante sua vida, não criou nenhuma organização. E o que era seu colégio apostólico? Quando ele foi preso, revelou-se uma estrutura miserável. Quando Jesus sucumbiu na luta contra o farisaísmo, ela fracassou por completo. Na Sexta-Feira Santa, desmoronou. É verdade que Jesus havia atraído repetidas vezes grandes multidões por meio de sua obra extraordinária. Mas nunca pensou em reunir essas multidões numa única organização.

Jesus não lutou apenas contra os costumes religiosos judaicos, os líderes religiosos judeus e a organização religiosa judaica. Sua luta foi muito mais profunda. Ele rejeitou a visão de mundo judaica sobre a qual se apoiavam todo o pensamento, a vontade e as ações do povo judeu. Essa visão de mundo era o pessimismo. E esse pessimismo via trevas, pecado e maldição em toda parte, tanto na vida física quanto nas leis da natureza. Para ele, o corpo humano era algo impuro. A luta, o destino e a morte lhe pareciam apenas sinais da ira e da maldição divinas.

Ao mencionar dois golpes do destino que, de outro modo, seriam pouco conhecidos, Jesus adverte contra considerar culpados e pecadores aqueles que foram atingidos por eles e contra estabelecer uma relação de

---

55 S. Mateus XXI, 43.

56 S. Lucas XVII, 20 e s. — Os círculos eclesiásticos tendem a ignorar o fato de que o Reino de Deus não vem com pompa exterior.
Esse enfraquecimento da tradução reflete o constrangimento daqueles que não conseguem abrir mão das aparências eclesiásticas.

causa e efeito entre pecado e morte.[57] Quando Jesus encontrou um homem cego de nascença, perguntaram-lhe: “Quem pecou, este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?” O Senhor respondeu: “Nem o cego pecou, nem seus pais; no destino, devem se revelar as obras de Deus.”[58] O próprio judeu era cego, pois, em seu pessimismo, não via o Senhor Deus na doença e no infortúnio, mas apenas o pecado, assim como muitos cristãos de hoje que ainda estão contaminados pelo judaísmo.

O pecado e a maldição do pecado foram os primeiros alicerces sobre os quais o judaísmo construiu seu sistema político-religioso. Mas Jesus destrói esse alicerce para fazer de Deus o primeiro fundamento de tudo o que acontece. As pessoas tomadas por Deus se alegram com um Jesus assim. Mas judeus e cristãos pessimistas não conseguem tolerá-lo por causa de seu sistema a serviço dos negócios. Jesus combate o medo do corpo que nasce da visão de mundo pessimista judaico com estas palavras: “Seu olho é a lâmpada do seu corpo. Se o seu olho for bom, todo o seu corpo ficará cheio de luz; mas, se for mau, seu corpo também ficará em trevas. Portanto, cuide para que a luz que há em você não seja escuridão! Se todo o seu corpo estiver iluminado, sem nenhuma parte em trevas, ele o iluminará com sua luz, como o clarão de um relâmpago.”[59] Poderia o Senhor contrapor de forma mais clara e bela, à doutrina daqueles que viam no corpo pecado, maldição e trevas, o ensinamento de que o corpo é pureza e pensamento de Deus?

Contudo, esse ensinamento tem um pressuposto: o olho do corpo precisa ser puro. Quem olha com pureza tem um corpo puro e só enxerga o corpo em sua pureza. Mas quem olha de forma impura? Por exemplo, aquele que teme o corpo e o mundo corporal, isto é, o corpo, o mundo do corpo e suas leis? É puro o olhar de quem se mantém corajosamente firme no terreno da vida e abre seu caminho, por meio de embates e lutas honestas, para se tornar uma verdadeira personalidade. Onde a pureza e a força da personalidade brilham no olhar, tudo o que o Criador fez no mundo físico é bom. Não há em parte alguma a sujeira do pecado; em toda

57 S. Lucas XIII, 1 e ss.
58 S. João IX, 2 e s.
59 S. Lucas XI, 34–36.j

parte há a revelação de Deus. Essas palavras de Jesus são tão poderosas que um judeu jamais poderia tê-las pronunciado; tão poderosas que ferem o judeu de maneira sutil. Nenhum judeu poderia compreender e suportar palavras tão divinamente puras, assim como hoje não poderia fazê-lo um legislador cristão mergulhado na imundície do farisaísmo.

A vida de Jesus só é compreendida por aqueles que o veem como guerreiro. Poucos combatentes já estiveram em uma situação tão perigosa quanto ele. Afinal, sozinho, em meio ao próprio povo, lutou contra uma nação inteira, seus fundamentos, seu sistema e seus líderes religiosos e políticos! Para nos colocarmos em sua situação extraordinariamente perigosa, precisamos fazer uma comparação. Voltemos à época do Estado Pontifício católico e imaginemos que, nesse Estado, alguém tivesse se insurgido, com a mesma franqueza e implacabilidade de Jesus, contra o sistema religioso e político-religioso vigente, seus mestres, líderes e sacerdotes! Não teria sido possível que essa pessoa permanecesse ali; de algum modo, teria sido eliminada à força. Nem mesmo Jesus pôde permanecer; teve de sucumbir.

Jesus não pôde continuar vitorioso na batalha; no fim, teve de ser derrotado, pois seus adversários e as dificuldades eram grandes demais. Ele próprio tinha plena consciência disso. Em meio à luta, anunciou repetidas vezes a própria queda. É comovente e admirável ver a serenidade com que essa grande personalidade aceita seu destino tão evidente pouco antes do colapso definitivo. Olhando para o céu, diz ao Pai Celestial na chamada Oração Sacerdotal: “Eu o glorifiquei na terra. Concluí a obra que você me encarregou de realizar. Agora, Pai, glorifique-me junto de ti!”[60] Para glorificar o Pai, ele quis ser humano. Esse era o objetivo valioso de suas lutas, que, em todos os outros aspectos, pareciam não oferecer nenhuma esperança. Assim como Jesus, ninguém pode evitar lutas árduas, amargas decepções e derrotas severas quando deseja educar as pessoas para que se renovem cada vez mais e, assim, conduzi-las por fim ao mais elevado desenvolvimento, à visão de Deus em toda a criação, isto é, ao conhecimento e à glorificação do Pai.

60 S. João XVII, 4 e s.

Poucos dias antes dessa oração sacerdotal, Jesus havia declarado a seus discípulos, com a segurança e a serenidade de um líder superior: “Chegou a hora de o Filho do Homem ser glorificado. Em verdade, em verdade lhes digo: se o grão de trigo não cair na terra e morrer, permanecerá sozinho; mas, se morrer, produzirá muito fruto. Quem ama a própria vida a perde.”[61] Assim, derrotado na batalha, Jesus foi ao encontro de seu destino final. Agora que deveria ser vencido pelo farisaísmo no Calvário, até mesmo na morte, desferiu um golpe mortal no pessimismo judaico.

Em contraste com a concepção judaica do mundo, que via a morte como a pior maldição de Deus, ele declarou que morrer era um ganho, uma glorificação de Deus. A religião judaica do medo se assustava com as leis naturais da luta e da morte. Mas Jesus, que queria proclamar a religião da alegria, afirmou, ressaltou e santificou essas leis do Criador Divino, seu Pai Celestial, com coragem e sem temor, ao final de sua luta, quando seria condenado à morte mais vergonhosa por causa dela. Após as palavras mencionadas acima, Jesus dirigiu este convite a seus seguidores: “Se alguém me serve, siga-me; e, onde eu estiver, ali também estará meu servo.”[62]

No Calvário, o judaísmo e, acima de tudo, o farisaísmo judaico triunfaram. Mas Jesus permaneceu vitorioso enquanto continuou a viver em seus servos ou discípulos. Para que pudessem segui-lo, concedeu-lhes o Espírito depois de sua partida, quer o tenha enviado no domingo de Páscoa, como relata João[63], quer no domingo de Pentecostes, como conta Lucas64. O Espírito de Jesus continua vivo. Em quem ele vive?

A história conhece uma Igreja de Jesus com dois mil anos. Será que essa Igreja é realmente uma revelação em constante renovação da grande personalidade de Jesus? Não se pode responder afirmativamente a essa pergunta sem mais nem menos. Em muitos casos, a Igreja é apenas uma organização cujo principal objetivo é preservar a confissão de fé e o código eclesiástico. Pouquíssimos vivenciam Jesus e realmente o vivem. E aqueles que de fato o vivenciam são muitas vezes vistos pelas igrejas como

61 S. João XII, 23.
62 S. João XII, 26.
63 Segundo S. João XX, 22, o Espírito que o Senhor prometeu repetidas vezes (S. João XIV, 16 e ss.; XV, 26; XVI, 7 e ss.; XVI, 13 e s.) será concedido no dia da ressurreição de Jesus.

uma ameaça à organização eclesiástica, à confissão de fé e ao direito canônico.

Por que o Espírito de Jesus atua em tão poucas pessoas? Porque Jesus é muito pouco reconhecido em seu caráter de guerreiro, porque os fiéis raramente o vivenciam como combatente. Além disso, os líderes da Igreja geralmente temem demais Jesus, o combatente, por motivos pedagógicos. Ter Jesus, o guerreiro, como modelo tornaria os fiéis combativos, autoconfiantes e independentes demais para eles. Com um Jesus que aceitava tudo de todos, que era sempre apenas um cordeiro e nunca um combatente, é fácil manter a comunidade eclesial em um nível tão modesto que, por causa de Jesus Cordeiro, ela jamais duvida da autoridade dos líderes da Igreja e permanece sempre um rebanho.

A autoridade de Jesus, o combatente, não deve continuar sendo desprezada em nome da chamada confissão de fé, do código de direito canônico e da tirania de certos líderes da Igreja!

Para alarmar os fiéis diante do novo movimento alemão, gritam-lhes por toda parte: “De volta a Jesus!” Quem é esse Jesus com quem querem matar a alma alemã, o anseio e a aspiração alemães? Um Jesus que nunca existiu. Um Jesus pacifista.

Para preservar o movimento alemão e salvar e santificar a alma alemã no movimento alemão, bradamos: “De volta ao Jesus guerreiro!”

Esse chamado salva a honra de Jesus, ameaçada há séculos, assim como a honra do homem alemão, difamada há séculos.

Adendo

Enquanto preparava a obra do Pe. Dr. Haeuser, *The Warrior Jesus*, lembrei-me de que tinha uma cópia de um discurso que o bom padre havia proferido em 1930, seguindo uma linha um tanto semelhante. Acrescentei-o abaixo.

Prefácio

Em 14 de dezembro de 1930, o padre católico e doutor em teologia Philipp Haeuser, estabelecido em Straßberg, perto de Augsburgo, foi convidado a proferir um discurso por ocasião de uma celebração de Natal organizada pelos nacional-socialistas de Augsburgo. Com base em notas estenográficas, torno público aqui esse discurso. Estou convencido de que, assim, sirvo à causa do Partido e, mais amplamente, do Movimento alemão. Espero também prestar um serviço ao próprio orador, divulgando ao povo alemão, por meio da impressão deste texto, suas palavras autenticamente alemãs e autenticamente cristãs. Em defesa do Movimento alemão, pela honra do orador!

Augsburgo, 14 de dezembro de 1930.
Geßwein, responsável regional pela imprensa.

Mensagem Cristã à Alemanha que Desperta

(pelo doutor em teologia Philipp Haeuser)

Os nacional-socialistas de Augsburgo celebram hoje a festa de Natal. Eis um fato. Outro fato é o seguinte: *é um padre católico que, a pedido expresso deles, profere o discurso da celebração*. Esses dois fatos são profundamente entristecedores — entristecedores para os fariseus. Pois estes, estendendo hoje seu domínio no Reich de modo mais poderoso do que nunca, querem, no entanto, fazer passar os partidários de Hitler pelos mais ímpios de todos os nossos compatriotas. E, porque querem afirmar isso apresentando os nacional-socialistas como demônios encarnados, não poderão tirar proveito dos fatos mencionados: nem da celebração de Natal pelos nacional-socialistas, nem do discurso proferido nessa ocasião por um padre católico. Como não poderão usar esses fatos em seu favor, mas tampouco poderiam agora apagá-los da realidade, os fariseus — eternos inimigos da Verdade — sem dúvida procurarão caluniar-me novamente, como já fizeram tantas vezes. Contra esse farisaísmo, tenho, contudo, uma boa arma cristã. Minha arma é a seguinte declaração: “Para Jesus, o farisaísmo era objeto de Seu combate; foi lutando contra ele que Ele quis desenvolver e revelar Sua personalidade excepcional. Também para nós, o farisaísmo é o objeto que devemos combater, e isso a fim de nos mostrarmos dignos de ser discípulos de Jesus neste combate, e de desenvolver e revelar sempre mais a nossa personalidade cristã.” Quem põe em questão esse dever que é nosso de seguir Jesus não conhece Jesus, ou então O nega.

O mais negro e mais selvagem dos povos negros tem o direito de receber a pregação do evangelho de Natal por missionários cristãos. Tenho, portanto, incontestavelmente, o direito e o dever de anunciar o pensamento de Jesus a meus amigos alemães — a esses homens que, em sua luta intrépida contra o bolchevismo, já se dispõem a cada semana, e até quase todos os dias, a pesados sacrifícios sangrentos que os fariseus, sempre relutantes diante de qualquer sacrifício, ocultam do povo alemão.

Aquele que permanece firmemente enraizado no solo alemão e defende com coerência a ideia nacional alemã no âmbito do movimento político ou patriótico é considerado incômodo e perigoso. Pois “o perigo vem da direita”, diz-se na esquerda — mas isso é bradado com voz ainda mais alta no centro político [Zentrum]. E, para que o povo acredite que o Movimento alemão é uma desgraça, e que nós, homens e mulheres alemães — em particular os partidários de Hitler e os membros do *Stahlhelm*[64] — constituímos um perigo, o louvável centro procura fazer o povo acreditar que somos inimigos da religião, do cristianismo, sem refletir sobre o fato de que esse método já — infelizmente! — levou, nos últimos anos, vários milhares dos melhores homens e mulheres alemães, moralmente irrepreensíveis, a abandonar as igrejas. Essa mentira e essa calúnia dirigidas contra nós ressoam de maneira cada vez mais insolente e audaciosa a partir do centro. Incansavelmente, com uma avidez diabólica, atiça-se uma *Kulturkampf*, um conflito religioso, para evidentemente poder depois, uma vez lançada a luta em toda a sua intensidade, afirmar — e mentir — que a direita política, que o Movimento alemão, está na origem dessa *Kulturkampf* e da discórdia religiosa.

Amigos alemães! Nossa festa de Natal é uma resposta magnífica, honesta e contundente a essas mentiras e calúnias. É abertamente, com orgulho e convicção, que celebramos hoje nossa fé na mais admirável e mais nobre figura de chefe que a história da humanidade conheceu. E, para mostrar que de modo algum procuramos imitar estupidamente uma velha tradição popular apenas por hábito, foi confiada a mim, como teólogo cristão, a honrosa tarefa de anunciar-lhes o pensamento de Jesus, Sua personalidade em toda a sua grandeza e profundidade.

Crer em Jesus é crer no poder e na dominação do espírito sobre a matéria. Não é a matéria, não é Mamom que faz a história e dá à humanidade seu valor — seu verdadeiro valor. Se a humanidade deve se desenvolver culturalmente, se o indivíduo quer reconhecer sua dignidade humana e conquistá-la, é preciso que reconheça e compreenda o Espírito — o Espírito supremo — que governa o universo. Para nos tornar possível

64 *Stahlhelm* (lit. “capacete de aço”): organização paramilitar alemã fundada em 1918 e que reunia antigos combatentes da Primeira Guerra Mundial, de inspiração nacionalista, monarquista e antiparlamentar.

esse reconhecimento e essa compreensão, o Espírito supremo, Aquele que governa o mundo e o torna inteligível, encarnou-se na pessoa de Jesus. Na grande figura de Jesus vive o Espírito imenso, Aquele que se mantém por trás de toda existência humana e histórica, e permite sondar e apreender sua essência e seu devir.

Em Jesus, o Espírito supremo Se fez homem para que pudéssemos compreender esta vida terrena, reconhecê-la como obra de Deus e, por esse reconhecimento, santificá-la, assim como todas as suas leis naturais. Por Jesus, tudo o que repousa sobre a lei natural ou sobre a vontade do Criador deve tornar-se sagrado para nós: sagrada é toda a nossa vida natural e nossa experiência da natureza; sagrada é, para os esposos, a vida conjugal em todo o seu devir, seu desenvolvimento e sua essência; sagrada é para todos nós a vida nacional em todas as suas lutas e combates, seus sofrimentos e sua morte.

Essas reflexões e ensinamentos de Natal parecem claros e simples de compreender, e, no entanto, em certos meios, eles não são de modo algum evidentes por si mesmos. Há cristãos que nada sabem sobre isso e não querem saber nada disso por razões ligadas à política de poder.

São numerosos aqueles que falam de Jesus para ensinar: foge e odeia este mundo, renuncia a ele e evita sobretudo a vida étnico-nacional — fruto de um desenvolvimento natural de vários séculos, até milênios! Do mesmo modo que alguns desconfiam da cultura em geral, acabam considerando apenas o reconhecimento e a valorização da vida étnico-nacional e do movimento nacional como uma exaltação do paganismo. É claro que, em relação ao judaísmo, não se faz exceção alguma; aqui, o sentimento de pertencimento étnico e a ênfase na raça são então considerados bons, justos e salutares.

Jesus veio então a este mundo para pisotear esta realidade terrena, a lei natural, a lei do desenvolvimento cultural e a do desenvolvimento étnico-nacional? Nasceu no Natal para ensinar o desprezo pelo mundo? Não, Jesus não veio ao mundo para lutar contra o Criador do mundo e Sua obra grandiosa. Não veio contra Seu Pai celeste, mas por Ele e por Sua obra. Aquilo que o Criador quis ao criar o mundo, Jesus quis ao encarnar-

Se. Sim, Ele quis que o homem — que ainda não compreendia como apreender de maneira sagrada o mundo, suas leis e sobretudo sua evolução — se tornasse, dali em diante, por Sua vinda, capaz de contemplar com olhos divinos a natureza, sua essência e seu devir. Há muitos que se dizem cristãos, mas que não são capazes de perceber como puras e sagradas nem a vida conjugal em seu devir e sua essência, nem a vida étnico-nacional em suas lutas e seus sofrimentos — de olhá-las com os olhos de Deus. Essas pessoas ainda não tomaram parte justa na encarnação de Jesus. E, como ainda não participam dela plenamente, não têm o direito de se elevar acima de nós, que, numa compreensão divina da humanidade e de sua história, seguimos o caminho nacional, étnico, alemão; não cabe a elas nos julgar nem condenar nosso movimento como não cristão e herético.

Objetam-nos que o cristão perfeito não conhece nenhum objetivo alemão, nacional ou étnico, mas apenas Deus e o Reino celeste. Mas, se não tenho o direito de amar e honrar também este mundo, bem como minha pátria terrestre e tudo o que ela sustenta e encerra, nem mesmo com meu pai e minha mãe, então por que Deus me deu este mundo e, por meio de meu pai e de minha mãe alemães, minha pátria alemã? Por que Ele santificou tudo isso por Sua encarnação? O pensamento dos fariseus que nos assoberbam sem cessar com suas críticas e censuras é ímpio, anticristão e pervertido. O tolo sempre foi seu próprio juiz. E também esses fariseus são seus próprios juízes: seu próprio comportamento os condena e nos dá razão. Esses senhores fariseus, que nos condenam sem trégua, amam então apenas Deus e o Céu? Odeiam e desprezam realmente este mundo em tudo? É a nós que eles odeiam, assim como nosso movimento alemão e étnico-nacional; são nossos heróis alemães que eles arrastam na lama por intermédio de Moenius[65] e de seus acólitos. Sim, eles execram o melhor deste mundo, mas há uma coisa que procuram e amam em sua indigna confraternização com os revolucionários e a Revolução: Mamom. E certamente não foi isso que o Salvador santificou por Sua encarnação! Nos círculos farisaicos — como sua imprensa revela frequentemente — rejubila-se com o colapso do povo alemão, com toda

65 Georg Moenius (1890-1953): padre católico alemão e opositor veemente aos movimentos nacionalistas sob a República de Weimar.

essa traição e desonra, com a aflição e a miséria do povo alemão, a fim de poder concluir, nesse lamaçal e nessa imundície, um belo negócio após outro, uma transação brilhante após outra. É isso o desprezo cristão pelo mundo, a fuga cristã para longe do mundo? Teria Cristo assumido a pobreza da existência para permitir agora que, em nome dessa pobreza pregada, os tesouros de Mamom sejam arrancados de um povo sofredor, tudo isso sob um piedoso piscar de olhos? Nossos adversários pretendem ser os únicos a representar o movimento cristão, mas, na verdade, abusam de Jesus e, por seu comportamento e sua política, insultam Sua vida e Seu ensinamento. Até quando Ele ainda será escarnecido pelos fariseus?

Por que o Espírito supremo Se fez homem no Natal? Certamente não para que, em nome de Deus e do Reino dos Céus, desprezássemos este mundo e suas missões, negligenciássemos nossos deveres patrióticos e étnico-nacionais! Deus Se fez homem para nos mostrar que é por meio deste mundo que podemos alcançá-Lo, e como chegar a isso. Sua encarnação ressalta que este mundo e suas leis são o caminho para o Reino celeste. As leis da natureza, as missões e os deveres patrióticos e nacionais têm por vocação e consagração divinas fazer-nos aspirar a Deus em nosso combate e em nossos esforços conformes ao dever, e fazer com que nossos semelhantes reconheçam em Jesus o mais nobre modelo a seguir para esta vida. Aquele que, no desprezo por este mundo criado por Deus e por suas missões, pretende elevar-se diretamente ao Altíssimo, esse sempre fracassou: ou afundou irremediavelmente na lama do farisaísmo, ou perdeu toda consciência de Deus e de Jesus. Amigos alemães! Não fizemos nós mesmos a experiência, justamente como homens patriotas e fiéis à Alemanha, de que não podemos nos elevar ao Altíssimo fora deste mundo, mas somente por meio deste mundo querido e concebido por Deus? Afinal, algo grandioso vive em nós: um santo entusiasmo, uma força ardente, um poderoso impulso para a ação, uma rara disposição ao sacrifício, uma coragem indomável no combate. Até nossos inimigos do centro, que sentem por nós um ódio mortal, sabem que esse espírito poderoso, essa força moral habitam em nós. Eles sabem disso, ainda que não o admitam de bom grado, por ciúme e inveja — pois os fariseus não suportam que haja em nós mais espírito e força do que neles mesmos. Mas como

adquirimos essa grandeza e essa potência? Por desprezo ao mundo, como gostariam os fariseus? Não: por amor e respeito por ele, por sua consagração, por um esforço combativo e corajoso a serviço do povo alemão e da pátria alemã. Seguimos o caminho do mundo, tal como Jesus, o Santificador do mundo, o quis.

Mas o desprezo pelo mundo não é uma virtude cristã por excelência? O Senhor não exige o desprezo pelo mundo, mas, se necessário, a *renúncia* ao mundo — por amor a este —, a renúncia àquilo que ele oferece de mais caro, por amor ao povo e à pátria. Há uma grande diferença entre desprezar o mundo e renunciar a ele: quem despreza o mundo o odeia; quem renuncia a ele não precisa odiá-lo, pode amá-lo. Quem despreza o mundo não faz sacrifício algum; quem renuncia a ele por amor manifesta o espírito cristão do sacrifício e a coragem que o acompanha. Jesus veio ao mundo não para odiá-lo ou desprezá-lo, mas para finalmente renunciar a ele — por amor a ele — por meio do combate e da Cruz. Nossos inimigos, em sua arrogância intelectual e seu pacifismo odiento, confundem constantemente estas duas noções: desprezo pelo mundo e renúncia ao mundo. Nossos soldados da última guerra, tão duramente vilipendiados por Moenius e seus companheiros, esses compreenderam Jesus; compreenderam o mundo tal como Jesus queria que o compreendêssemos. Eles amavam a pátria, amavam o povo alemão, amavam sua esposa e seus filhos — e foi justamente por causa desse amor ardente e apaixonado que partiram para o front, longe da pátria, longe de suas esposas, longe de seus filhos: renunciaram a tudo isso. Era um amor e uma renúncia à maneira de Jesus — um amor tal como Ele o ensinava, uma renúncia tal como Ele a desejava. Essa doutrina que é a Sua, em oposição à moral corrompida dos fariseus, é nossa doutrina alemã, nossa moral patriótica. A grande figura de Jesus representa para nós a seguinte exortação: “Ama o mundo, ama tua pátria, a fim de poder crescer espiritualmente e, neste crescimento, tornar-te digno de outro mundo e de outra pátria!” Quem despreza o mundo à maneira dos fariseus, esse afunda na lama do pecado covarde; como eles, não pensa senão neste mundo; quem — por amor ao mundo — renuncia a ele no duro combate,

amadurece em uma personalidade moral, em uma natureza à imagem de Jesus.

Mas Jesus, o Espírito de Deus encarnado, é também a seguinte exortação: “Ama a paz, mas não temas o combate por ela!” O Natal é a festa da paz, mas não de uma paz pacifista à maneira de Moenius. Jesus nada conhece dessa paz pacifista que, covardemente, deixa tudo ir à deriva e prefere a derrota ao combate. A nós, que somos de direita e seguimos o caminho alemão, os fariseus censuram por não sermos verdadeiros cristãos, porque não somos pacifistas. Pois bem, Jesus não era pacifista e não podia sê-lo. E os próprios pacifistas são os seres mais desprovidos de paz, a tal ponto que não concedem repouso nem tranquilidade a nenhum verdadeiro alemão.

Jesus era de natureza combativa, uma natureza resolutamente voltada para o combate, e mesmo a mais nobre das naturezas combativas. Teria Ele entrado nos conflitos mais duros de Sua vida se tivesse sido pacifista? Jamais! Ninguém O teria perseguido, nenhum judeu Lhe teria feito o menor mal. Jesus queria o combate. Sem combate, Ele jamais poderia ter proclamado a Verdade. Pois a Verdade só se impõe no combate. Jesus não fugiu de Seus inimigos, não concluiu nenhum acordo com eles. Foi procurá-los em seu quartel-general e os desafiou para o combate. Foi unicamente em razão dessa vontade de luta, dessa coragem combativa, que o destino se abateu sobre Ele, que foi flagelado e crucificado. Ele poderia tê-lo evitado, se tivesse desprezado o mundo e Se retirado para a solidão ou para uma vida privada pacífica. A censura extremamente severa que dirigiu um dia a Pedro, quando este quis impedi-Lo de se engajar no combate e de sofrer suas dores, mostra a que ponto Jesus levava a sério o dever de combater. As palavras relatadas pelo Evangelho — mas muitas vezes caladas pelos pacifistas — “Para trás, Satanás!”, foram então pronunciadas por Jesus, o combatente, dirigidas a Pedro, relutante em lutar. Essas palavras amargas também sublinham fortemente que possível dever de combater inscrito na lei natural. E, se Jesus aparecesse hoje na Alemanha, Ele Se apresentaria de novo como um combatente. Tentariam impedi-Lo de falar, mas Ele continuaria a tomar a palavra. Seria proibido

de organizar reuniões, mas Ele continuaria a reunir o povo ao Seu redor. Conheceria em nosso país o mesmo destino que tantos homens alemães direitos, honestos e corajosos no combate.

Sim, Jesus é o homem da paz, mas é justamente por isso que Ele é também o homem do combate. Quem ignora isso nada compreende do cristianismo. Negar isso é negar o Evangelho. É claro que os fariseus não podem admitir a natureza combativa de Jesus, pois, se o fizessem, atacariam a si mesmos. Deixemos, portanto, o pacifismo aos fariseus belicosos. Nós, cristãos alemães, por amor a Jesus, permaneçamos fiéis ao dever de lutar.

Objetar-se-á que a Cruz é, no entanto, um apelo retumbante e solene a renunciar a todo combate e a curvar-se sempre humildemente diante de todos os seus inimigos. Esses hipócritas que ensinam isso e pregam com tanto gosto a Cruz e a humildade, tudo isso para colocar o mundo em suas mãos ímpias com toda tranquilidade e sem entraves! A Cruz de Jesus é precisamente o símbolo de Seu combate impiedoso. A Cruz, esse patíbulo da humilhação, deveria lançar o combatente Jesus na vergonha e na desonra perpétuas, ao mesmo tempo que dissuadia os outros de seguir, como Ele, o caminho do combate. Mas é precisamente esse sinal de vergonha que, contra a vontade dos fariseus, conferiu ao combatente Jesus o domínio sobre todas as grandes personalidades, sobre os espíritos e os pensadores, sobre os honestos pesquisadores e exploradores. De sinal de vergonha, a Cruz tornou-se o sinal da vitória, a vitória em um combate intrépido e incessante. Ela é o sinal da vitória em nossa própria luta, assim como o é para o combatente Jesus. Certamente, os fariseus de hoje também se colocam sob a Cruz, assim como se ajoelham diante de toda grandeza tão logo pensam poder tirar proveito dela. Para eles, a Cruz não é nem um sinal de combate e de vitória, nem um símbolo espiritual, mas uma simples marca comercial. Quando se insere na religião esse espírito comercial sórdido, à maneira dos fariseus e dos pacifistas, despoja-se a Cruz de Jesus de Sua consagração e de Sua dignidade, reduzindo-A ao que Ela foi na origem: um patíbulo sujo e coberto de sangue. Que essas pessoas não compreendam a cruz gamada, penso que se pode perdoá-las. Mas o que é

imperdoável é que compreendam tão mal a Cruz de Jesus que façam Dela um meio vulgar de fazer negócios.

Jesus veio ao mundo para combater e fazer sacrifícios no combate. Um combate bom e nobre também exige sacrifícios. O fariseu, porém, nada sabe de tudo isso. Ele vê no combate apenas brutalidade e baixeza, que essa perfídia se manifesta em seu próprio combate. É por isso que, a exemplo de Moenius, ele não vê no soldado alemão um herói, mas um assassino e um bruto. Nossos soldados eram homens de sacrifício, e, como eles, também queremos estar prontos a nos sacrificar. Pois a disposição ao sacrifício no combate nos dá o direito de invocar Jesus, o grande Sacrificador, nosso Senhor. O sacrifício é nosso dever, o sacrifício é nosso destino. Oferecer sacrifícios no combate é, antes de tudo, um destino alemão. Nestes últimos anos, consentimos em pesados sacrifícios por amor ao povo e à pátria. Os mais duros ainda estão por vir. Para que saibam que compreendo em seu combate como em seu sacrifício, e que me mantenho ao seu lado sem reservas e sem temor, permitam-me evocar um pequeno sacrifício pessoal que me impuseram, entre outros, no ano passado, os fariseus — esses piores inimigos da germanidade e do verdadeiro cristianismo. Como talvez alguns se lembrem, publiquei no ano passado, por ocasião do referendo[66], um apelo contra a submissão por meio do plano Young[67], motivado unicamente por meu amor ao povo alemão em aflição. A imprensa do Partido Popular Bávaro[68] — imprensa do *Zentrum*[69] —, que julgou dever protestar em nome de Deus e da Igreja, declarou que, por esse apelo, eu havia manchado minha batina sacerdotal e que, sob a influência do espírito de Hitler, havia expulsado de meu espírito o espírito de Jesus. Suportei essa grave ofensa à minha honra — cujos efeitos nocivos ainda hoje se fazem sentir nos meios cristãos —, pois essa imprensa, embora

66 Trata-se do referendo de 22 de dezembro de 1929 contra o plano Young.

67 Plano Young: plano adotado em junho de 1929 para reescalonar as reparações de guerra impostas à Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. Ele sucede ao plano Dawes e prevê pagamentos mais sustentáveis, mas por um período mais longo. Na Alemanha, foi percebido como uma humilhação suplementar e um instrumento de sujeição econômica diante das potências vitoriosas.

68 Partido Popular Bávaro (*Bayerische Volkspartei*, ou BVP): partido político ativo principalmente na Baviera entre 1918 e 1933. Nascido da cisão com o *Zentrum* (Partido do Centro), defendia os interesses bávaros no seio da República de Weimar, combinando catolicismo político, regionalismo e conservadorismo.

69 Centro (*Zentrum*): partido político fundado no século XIX para representar os interesses dos católicos alemães, desempenhando um papel influente na vida parlamentar sob o Império e depois sob a República de Weimar, e defendendo um conservadorismo moderado, a defesa da Igreja católica e a cooperação com as instituições republicanas.

finja cristianismo, ignora que cometer uma injustiça é pecado, e que reparar uma injustiça é dever. Mas essa experiência pessoal, e muitas outras que prefiro calar por enquanto, são apenas pequenos sacrifícios diante dos duros combates que travam os grandes chefes alemães — Hitler, Seldte[70], Hugenberg[71] — e suas tropas. Nesses ásperos combates, faço, por assim dizer, apenas o papel discreto e pouco exposto do capelão militar. Muitos deixaram nossas fileiras nestes últimos anos, simplesmente porque os sacrifícios jamais parecem dever acabar. Mas nós, irmãos alemães, nós nos mantemos firmes, continuamos a nos sacrificar, não recuamos. Ameaçam-nos, e as ameaças se tornam cada vez mais insolentes. Mas não cederemos. Lutaremos até conseguirmos, um dia, alcançar nosso objetivo — libertar o pobre povo alemão de sua aflição e salvar a pátria alemã. Esse é o exemplo que Jesus nos dá. Ele quer um combate honesto, quer o sacrifício por amor ao próximo.

Aquele que aceita este mundo com suas leis nacionais e étnicas, que assume o combate e, com ele, o sofrimento, o sacrifício e a Cruz — esse conhece Jesus e tem o direito de celebrar o Natal. Mas aquele que, por necessidade dos negócios, utiliza o pacifismo e, por necessidade dos negócios, de Mamom e do pacifismo, transforma Jesus em um pacifista frouxo e retraído diante do combate — esse apenas finge o cristianismo, desonra Jesus, blasfema e não tem absolutamente o direito de celebrar o Natal. Pode-se falar hoje de um rápido declínio, de uma "mamonização", de uma mercantilização da ideia cristã, em suma, de uma *Kulturkampf* das mais graves no seio do povo alemão. É por isso que nós, de direita, temos a cumprir não apenas pesadas tarefas patrióticas, mas também uma grande missão cristã: uma missão confiada pelo próprio Jesus.

Amigos alemães! Diante de nós estende-se o campo de luta alemão. O solo alemão é — e continuará sendo — o campo de batalha por ideais autênticos da humanidade, por um movimento são, patriótico e étnico-nacional, por uma compreensão viva e pura de Jesus. Animados pelo espírito da mais grandiosa de todas as personalidades, queremos prosseguir

70 Franz Seldte (1882-1947): fundador e chefe do *Stahlhelm*.
71 Alfred Hugenberg (1865-1951): chefe do Partido Popular Nacional Alemão (*Deutschnationale Volkspartei*, ou DNVP), de tendência nacional-conservadora e monarquista.

sem medo o combate. Mantenhamos a cabeça erguida! Que a alegria radiante de Jesus brilhe em nossos olhos! Pela salvação do povo alemão e, por meio dele, pela salvação da humanidade!

Sobre o Autor

Pe. Dr. Phillip Haeuser

23 de Abril – 25 de Fevereiro de 196

Philipp Haeuser nasceu em 23 de abril de 1876, em Kempten, em uma família de católicos devotos. Estudou filosofia e teologia na Universidade de Munique entre 1895 e 1899. Haeuser amava sua Igreja. Ingressou no Seminário Gregoriano de Munique em 1897 e foi ordenado sacerdote em 20 de julho de 1899 pelo bispo Petrus von Hötzl, para a diocese de Augsburgo.

De 1900 a 1909, exerceu a função de prefeito de estudos no seminário de Neuburg. Paralelamente às suas atividades eclesiásticas, nesse período dedicou-se à pesquisa da literatura cristã primitiva e, em 7 de julho de 1911, recebeu o doutorado em teologia pela Universidade Albert Ludwig de Freiburg.

Publicou diversas obras teológicas e, a partir de 1928, assumiu a tradução da Ecclesiastical History, de Eusébio de Cesareia, publicada em 1932. A tradução de Haeuser continua sendo, ainda hoje, a base da edição de referência.

Exerceu o sacerdócio em Strassburg, na diocese de Augsburgo, durante 46 anos, e atuou politicamente contra o liberalismo católico, o filojudaísmo e outras filosofias marxistas de guerra cultural que paralisam o catolicismo até os nossos dias.

Um repórter de jornal que cobriu a celebração de sua aposentadoria comentou:

“Na antiga igreja paroquial que ele amava e na qual depositava sua confiança, muitas vezes pregou do púlpito que a vida é uma luta, deve ser uma luta, pois só assim conduz às estrelas.”